



IV Congresso Nacional em Educação

## **ENSINO EM TEMPOS DE PANDEMIA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DOCENTES ALIADAS ÀS PRÁTICAS COLABORATIVAS INCLUSIVAS**

Michelle de Souza Simone  
UNESP  
Petrópolis – Brasil  
michelleesouza@gmail.com

Artur Maciel de Oliveira  
Neto  
UNESP  
Mossoró - Brasil  
maciel.oliveira-neto@unesp.br

Gisele Gonçalves de  
Carvalho  
UNESP  
Guarapari – Brasil  
gisele.carvalho@unesp.br

### **RESUMO**

A pandemia da Covid impôs desafios e restrições em várias frentes, e a educação escolar pública é uma delas. Com vistas a minimizar o contágio pela doença, medidas de isolamento social foram colocadas em prática, dentre elas o fechamento das unidades escolares, iniciando assim o ensino remoto emergencial. Nesse cenário atípico, secretarias, escolas, professores, alunos e famílias precisaram se adaptar à nova modalidade de ensino e aprendizagem. As práticas colaborativas surgem como uma alternativa para sanar o déficit ocasionado pelo distanciamento físico, utilizando para esse fim as tecnologias digitais e adaptações curriculares como ferramentas pedagógicas. Esta análise pauta-se nos pressupostos do ensino colaborativo, onde dois professores, um educador do ensino regular comum e um docente com formação em educação especial, dividem as responsabilidades por planejar, distribuir e avaliar instruções para grupos de estudantes. Sendo assim, este trabalho teve como objetivo apresentar os relatos de experiências de professores da educação básica da rede pública de ensino do município de Duque de Caxias sobre as práticas educativas colaborativas desenvolvidas durante a pandemia. Trata-se de um estudo descritivo, qualitativo, do tipo relato de experiência, onde os sujeitos da pesquisa foram: 1 aluno público alvo da Educação Especial, 1 professor da sala de recursos multifuncionais e 1 professor polivalente. As experiências relatadas pelos professores permitirão compreender como as práticas colaborativas têm auxiliado o processo de ensino aprendizagem dos alunos com deficiência durante o ensino remoto emergencial, além disso, almejamos lançar reflexões para futuras pesquisas, a respeito do ensino em tempos de pandemia.

**Palavras-chave:** Práticas colaborativas, Docência, Educação Especial, Pandemia.

### **INTRODUÇÃO**

A pandemia de Covid-19, declarada em 11 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), impactou radicalmente as mais diversas áreas da sociedade, dentre elas os sistemas educacionais de todo planeta. Os desafios, que já não eram poucos, sobretudo em relação à inclusão e à participação efetiva dos estudantes público alvo da educação especial (PAEE), tornaram-se ainda mais expressivos diante dos impactos vividos pela comunidade escolar em meio à pandemia do novo Coronavírus (Sars-CoV 2).

A complexidade de atuação, junto aos estudantes PAEE, aumentou em decorrência da necessidade do distanciamento social, como medida preventiva para minimizar o contágio da doença. O fechamento das instituições escolares e a implementação do ensino remoto emergencial acabaram por dificultar o desenvolvimento de práticas específicas para o acesso aos conteúdos com autonomia e independência.

Diante do contexto da educação inclusiva, Mendes, Vilaronga e Zerbato (2014) defendem a proposta de um trabalho pautado na colaboração entre todos os profissionais da educação no ensino regular, isto é, dos professores da sala comum e dos docentes que atuam na educação especial, com vistas a avanços no processo e aprendizagem de todos os alunos, em uma dinâmica de construção mútua.

Sendo assim, a proposta do ensino colaborativo primordial é que exista:

uma parceria entre os professores de Educação Regular e os professores de Educação Especial, na qual um educador comum e um educador especial dividem a responsabilidade de planejar, instruir e avaliar os procedimentos de ensino a um grupo heterogêneo de estudantes (FERREIRA, MENDES, ALMEIDA, DEL PRETTE, 2007, p. 01).

O relato de experiência, aqui apresentado, demonstra como o ensino colaborativo é uma inovação estratégica para a ampliação das possibilidades de ações pedagógicas inclusivas a serem construídas e que, sobretudo, nesse contexto pandêmico, pode favorecer a continuidade do atendimento, tanto dos professores da turma regular comum quanto do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Este relato de experiência tem como objetivo fundamental discorrer sobre como ocorreu o Atendimento Educacional Especializado remotamente, durante o ano letivo de 2020, quando as aulas presenciais foram suspensas, como medida para minimizar o contágio da Covid-19. Assim, buscamos analisar a relação construída entre o docente do ensino regular comum com a professora do Atendimento Educacional Especializado.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa e as informações, nela contidas, foram obtidas a partir da observação participante, método que permite que os pesquisadores acompanhem de forma mais próxima o objeto de sua investigação e também por meio de revisão da literatura. Sendo assim, a prática colaborativa de duas professoras, uma do ensino regular comum e outra do Atendimento Educacional

Especializado, bem como as suas vivências nesse processo, foram analisadas com o objetivo de compreender o impacto delas na vida escolar de um aluno com necessidades educacionais específicas, imerso num contexto pandêmico, onde foi imperioso o fechamento das escolas.

A ideia foi investigar como o estudante Paulo Henrique, nome fictício inventado pelos pesquisadores, com laudo de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e regularmente matriculado no ensino regular comum e no Atendimento Educacional Especializado, em Unidade Escolar do Município de Duque de Caxias/RJ, vivenciou esse desenvolvimento de atividades aliados a um ensino colaborativo, que buscou favorecer a construção do conhecimento, autonomia do educando e vínculo escolar.

Com vistas a atingir os objetivos aqui propostos, optamos pela abordagem qualitativa, onde foi empregado o método exploratório. Tal abordagem justifica-se, segundo Richardson (1999, p.39), ao indicar que a pesquisa é “adequada para entender a natureza de um fenômeno social”. E no caso específico deste relato de experiência, pretende-se apresentar como as práticas colaborativas inclusivas foram utilizadas no ensino remoto emergencial ofertado a um estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA), numa escola pública do município de Duque de Caxias, durante o período de suspensão das aulas presenciais.

Para responder ao objetivo central, utilizamos o relato de experiências dessas duas docentes e suas vivências com práticas colaborativas, como ferramenta didática em tempos de pandemia. A partir da observação e análise desses relatos e vivências, podemos identificar as metodologias que vêm sendo empregadas e os desafios que precisamos enfrentar para atendermos plenamente os alunos PAEE.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Neste relato de experiência, conforme assinalado anteriormente, duas docentes se depararam com o desafio de atender remotamente um estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA), em função da suspensão obrigatória das atividades presenciais, devido à emergência da Covid-19. Com vistas a manutenção do vínculo escolar e objetivando dar continuidade às estratégias pedagógicas delineadas no Planejamento Educacional Individualizado, iniciaram diálogo por meio das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) e assim construíram, colaborativamente, um plano

de trabalho remoto. De comum acordo, as professoras optaram em fazer uso da plataforma Google Meet para que pudessem se reunir, quinzenalmente, a fim de discorrerem sobre o formato dos materiais pedagógicos e adaptação de conteúdos que contemplassem as potencialidades e necessidades específicas de Paulo Henrique.

Segundo os professores, o desafio inicial foi construir um vínculo com a responsável de Paulo Henrique, por meio do aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz, popularmente conhecido como WhatsApp. A partir desse contato com a responsável do aluno, foi possível enviar mensagens de voz e vídeo para Paulo Henrique, informar sobre as atividades e receber a devolutiva das mesmas, por meio de fotografias e de vídeos.

Além das atividades propostas online, também foram entregues apostilas com o conteúdo adaptado do ensino regular comum e recursos lúdicos, como: jogos, alfabeto móvel, massinha, guache, pincéis, construídos pelo professor do AEE. Tais estratégias foram fundamentais para que o Paulo Henrique continuasse realizando as atividades com autonomia e ampliasse as suas possibilidades educativas.

A avaliação e acompanhamento desse processo foi possível mediante ao envio de vídeos, mensagens de voz, e fotos compartilhadas pela sua responsável, bem como por meio de chamadas telefônicas. Tal devolutiva foi importante, pois assim as professoras de Paulo Henrique puderam analisá-la e pensar estratégias cada vez mais condizentes às suas reais potencialidades e necessidades.

É importante sinalizar uma dessas adaptações planejadas em conjunto. No segundo semestre de 2020, precisamente no mês de agosto, trabalhou-se na turma do ensino regular comum, em que Paulo Henrique está matriculado, textos com rimas, visando a alfabetização de todos os alunos. Nesta atividade, eles deveriam escrever as palavras que rimavam e eram indicadas por meio de imagens. Para que Paulo Henrique tivesse acesso ao mesmo conteúdo dos demais alunos de sua turma, as professoras dialogaram e estudaram a melhor maneira de adaptar a atividade à potencialidade do estudante e propuseram o seguinte ajuste: ao invés de escrever as palavras do texto, Paulo Henrique deveria cortar e colar as figuras que rimavam, com o suporte de sua responsável.

Para subsidiar a responsável de Paulo Henrique, a professora do AEE enviava regularmente vídeos com os poemas trabalhados na turma do ensino regular comum, além de realizar ligações telefônicas quinzenais com vistas a acompanhar a evolução e participação do aluno. As informações decorrentes deste contato eram repassadas à

professora do ensino regular comum e consideradas por ambas na construção de novas atividades.

Outro exemplo importante relatado pelas duas professoras e por elas considerado exitoso, foi no campo da matemática e dizia respeito à sequência numérica. Ao planejarem o conteúdo voltado à realidade de Paulo Henrique, optaram por construir, por meio de rolos de papel higiênico, uma atividade em que o aluno deveria parear o numeral escrito nos rolos com a quantidade de palitos de picolé. Destacamos também, a confecção de uma árvore em feltro para que ele colasse as figuras de maçãs correspondentes.

As docentes relataram que não podiam realizar um trabalho de forma isolada, visto que na concepção de ambas, para que um aluno com necessidades específicas, como é o caso de Paulo Henrique, pudesse participar ativamente do ensino remoto, o planejamento, necessariamente, deve ser em conjunto, como troca de saberes e experiências. Durante os encontros quinzenais, as duas professoras entravam em comum acordo, dialogavam sobre as propostas educativas e assim realizavam os ajustes que fossem visualizados durante o período quinzenal e assim sucessivamente.

Ambas alegam considerar a estratégia do ensino colaborativo como facilitadora para o atendimento de alunos PAEE, já que não se sentem sozinhas, compartilham saberes e práticas, tão importantes para a adaptação de conteúdo, de atividades e na formulação de materiais lúdicos específicos, que possam favorecer a apropriação do conhecimento acadêmico por parte do aluno, além de contribuírem com o seu processo de aprendizagem.

A partir da observação realizada e da análise dessas vivências educativas, consideramos que elas foram exitosas. E, podemos, inclusive, afirmar que o ensino colaborativo é uma estratégia que viabiliza a aprendizagem de alunos com deficiência ou TEA, matriculados no ensino regular comum, não apenas no contexto pandêmico, visto que esse modelo também pode ser utilizado no ensino presencial de forma planejada. Para isso, há necessidade que essas ações de organização e de tempos de planejamentos compartilhados sejam estratégias registradas e garantidas através do Projeto Político Pedagógico (PPP) da unidade escolar, favorecendo a construção de práticas pedagógicas inclusivas e condizentes as reais potencialidades de cada aluno público alvo da educação especial.

Para Mendes, Vilaronga E Zerbato (2014, p. 33):

Dentro do universo escolar, o papel dos diretores e coordenadores como articuladores para o desenvolvimento de uma comunidade colaborativa na escola é muito importante, pois são eles que promoverão os recursos para a

formação continuada dos profissionais e recursos componentes necessários ao coensino, como o tamanho da sala, a adequação do tempo de trabalho para realização do planejamento comum.

Esse compromisso precisa ser assumido e fortalecido como propostas pedagógicas, cujas missão e objetivos estejam em consonância com uma visão de instituição voltada à educação especial inclusiva. Sabe-se que tal missão não é fácil, mesmo porque ainda estamos em fase de implementação da educação especial, na perspectiva inclusiva, no Brasil.

Por fim, consideramos relevante assinalar, a partir deste estudo de caso e de nossas vivências enquanto docentes, que o ensino colaborativo fortalece as ações necessárias à implementação de adaptações curriculares e práticas docentes mais inclusivas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente relato de experiência teve como objetivo central apresentar aspectos importantes relacionados às temáticas práticas colaborativas, docência e pandemia. Destacou-se sobre a necessidade de as unidades escolares discutirem e construírem propostas de ensinamentos mais inclusivos, não apenas na pandemia ou em momentos estanques, mas de forma contínua e vinculadas às práticas pedagógicas dos seus professores.

É importante que as ações colaborativas estejam delineadas no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e estimuladas, visando o docente, a equipe diretiva e os responsáveis dos alunos público alvo da educação especial, com vistas a possibilitar a construção de um projeto colaborativo e democrático. Nele, deverá ser considerada a experiência aqui relatada, a do ensino colaborativo, modelo este que é diferencial e que pode favorecer experiências e práticas educativas inclusivas.

Sabemos que os assuntos abordados nessa análise não se esgotam aqui, visto que, necessitamos de propostas de ensinamentos mais alinhadas ao apoio à inclusão escolar, podendo então, servir de base para futuros estudos que contemplem as reflexões e forneçam abordagens sobre o modelo de ensino colaborativo e suas contribuições.

## REFERÊNCIAS

DAMIANI, Magda Floriana. **Entendendo o ensino colaborativo em educação e revelando seus benefícios**. Revista Educar, Curitiba: Ed. UFPR, 2008, n. 31, p. 213-230.

ESTEF, Suzanli. **Ensino colaborativo sob o olhar de uma estagiária mediadora no cotidiano escolar** (monografia). Licenciatura em Pedagogia. UERJ, 2013.

FERREIRA, Bárbara Carvalho; MENDES, Enicéia Gonçalves; ALMEIDA, Maria Amélia; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. **Parceria colaborativa**: descrição de uma experiência entre o ensino regular e especial.

MENDES, E. G; VILARONGA, C. A. R; ZERBATO, A. P. **Ensino colaborativo como apoio à inclusão escolar**: unindo esforços entre educação comum e especial. São Carlos: UFSCar, 2014. p. 68 - 88.

MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A.; TOYODA, C. Y. Inclusão escolar pela via da colaboração entre educação especial e educação regular. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 41, p. 81-93, jul./set. 2011. Editora UFPR

Richardson, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo, Brasil: Atlas, 1999.